

**ENCruzilhada Atlântica na Rota Carolíngia –
O Auto de Floripes, do Príncipe, em São Tomé e Príncipe, na África e a Luta de Mouros e Cristãos, da
Bahia, no Brasil, na América do Sul¹**
Alexandra Gouvêa Dumas
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Etnocenologia, mouros e cristãos, Brasil – África.

A encruzilhada é a imagem escolhida para metaforizar uma determinada confluência histórica entre dois folguedos de representação cênica de temática comum². Um deles, denominado “Luta de Mouros e Cristãos”, acontece anualmente, no dia 02 de fevereiro, em comemoração a São Sebastião, na cidade de Prado³, extremo sul baiano, Brasil. O outro é o “Auto de Floripes”, que acontece no dia de 10 de agosto, dia de São Lourenço, na ilha de Príncipe⁴, República de São Tomé e Príncipe, no Golfo de Guiné, África.

Apesar da distância territorial, os folguedos denominados “dramas carolíngios⁵”, têm uma estreita aproximação matricial. São oriundos, ou assim declarados por quem os faz, de uma mesma história, de um mesmo livro, “A História do Imperador Carlos Magno e dos doze Pares de França”.

Colocar os dois folguedos numa perspectiva de encruzilhada passa pelo significado que o pesquisador Câmara Cascudo dá a este termo. Para ele, este é o lugar “onde os caminhos se cruzam, *quadrifurcus*, *quatrivium*, lugar clássico de invocações e encantamentos para todos os povos (...)” (CASCUDO, 2001: 212).

Considerando a representação do termo “encruzilhada” vindo da imagem da cruz — objeto de armação composto por duas retas transversais, estendendo-se em quatro braços a partir do ponto de interseção — as culturas que se interceptam são a pradense e a santomense, que se lançam, transitam e se expandem a partir das matrizes ibéricas, africanas e brasileiras.

Já os pontos de interseção entre os dois lugares citados estão caracterizados nos espaços comuns da colonização portuguesa, da escravidão e do trânsito atlântico.

O primeiro ponto de interseção diz respeito ao processo colonizador lusitano. O Brasil e a República de São Tomé e Príncipe viveram sob o comando da Coroa Portuguesa. O primeiro de 1500 a 1822 e o segundo de 1470 a 1975. Entre as intenções de conquista e dominação da Coroa no Brasil e na África estava a catequização religiosa. Para a efetivação deste ideal eram utilizadas, dentre suas estratégias, as atividades teatrais, a exemplo das representações de autos — um tipo de composição dramática. No Brasil, estas peças se mesclavam com fragmentos da cultura indígena, localizando o índio como representante do Mal. Ronaldo Vainfas faz referência a um destes autos encenados no Brasil, em Niterói, no ano de 1560. Quando os tipos indígenas eram colocados como demônios, o

(...) jesuíta estigmatizava a um só tempo os costumes indígenas considerados maus e a aliança com os franceses hereges, inimigos de Portugal. Nem o fato de Aimbirê real ter passado para o lado lusitano escapou ao criador do *Auto de São Lourenço*, que fez seu personagem arrepender-se e atuar na punição do imperador romano que martirizara São Lourenço e São Sebastião. (VAINFAS, 2000: 59)

Os dois últimos santos citados são os homenageados nos dramas que acontecem em Príncipe e Prado, respectivamente. A relação dos dramas catequéticos aos carolíngios que acontecem ainda hoje revela uma marca comum no roteiro no que diz respeito ao princípio do Bem contra o Mal. As representações destacam a virtude e a soberania cristãs num enredo onde o Cristão sagra-se sempre vencedor, conquistando a conversão dos mouros. Na Luta de Mouros e Cristãos há uma associação do grupo Mouro, que se veste de vermelho, aos índios. Esta relação aparece mais nos discursos dos atores dos folguedos, do que na cena representada. É possível ouvir depoimentos do tipo:

“Somos guerreiros, cabôco que nem o santo [São Sebastião]”⁶, afirma o “mouro” pradense Irдинho, colocando num mesmo lugar índios e mouros.

Provavelmente a pedagogia jesuítica posta em prática no ultramar português também deve ter sido usada no território santomense com a exploração da encenação como estratégia de dominação cultural. A presença do Auto de Floripes, ainda hoje, é um indício do ideal evangelizador pregado pelos portugueses durante séculos de colonização. Nesta encenação o Mal está localizado na cultura muçulmana e o ideal do Bem relacionado aos personagens católicos. O “cavaleiro cristão”, Osvaldo Moreira, afirma: “Toda a coisa dos cristãos trabalha mais com Deus, oração, a Bíblia e só. Mouro é uma coisa de Lúcifer, de Diabo”⁷.

No auto africano isto é representado na desmedida paixão da princesa moura Floripes pelo cristão Guy de Borgonha, motivo pelo qual ela se converte ao catolicismo favorecendo a vitória dos cristãos em detrimento da liderança do seu pai, o Imperador mouro Balão e do seu comando religioso e político. Em nenhum momento o valor ético da conduta da princesa é questionado, desde quando este serve aos interesses cristãos.

Na Luta de Mouros e Cristãos o Mal está representado na derrota do grupo mouro após uma sucessão de disputas verbais e duelos de espada com os cristãos. A cena final apresenta o grupo mouro preso e sendo conduzido ao batismo católico no interior da igreja.

O panorama estético oferece algumas associações do ideal católico maniqueísta com outros elementos cênicos. As cores que caracterizam os grupos opositores estão presentes nos figurinos. A antinomia do vermelho e do azul, como cores quente e fria, terrena e celestial, demoníaca e angelical, mal e bem, respectivamente afiguradas nos mouros e cristãos, é utilizada em Prado e em Príncipe.

Do processo de colonização chega-se ao segundo ponto de análise: a localização geográfica. No centro, o Oceano Atlântico, nas suas margens fronteiras, Prado e Príncipe. Partindo da cultura agrária predominante no período colonial, os engenhos de cana-de-açúcar fizeram parte da economia colonial brasileira e santomense. Neste período foi intenso o tráfego de escravos entre África e Brasil, entre São Tomé e Príncipe e a Bahia.

A pesquisadora e etnomusicóloga portuguesa Rosa Clara Neves diz que:

(...) foi com a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 e com o desenvolvimento económico deste novo mundo que a escravatura veio ocupar um lugar preponderante em São Tomé e Príncipe, uma vez que as duas ilhas foram utilizadas como locais de passagem e de paragem para os inúmeros barcos negreiros que realizavam as viagens de ligação entre África e as Américas. (NEVES, 1995)

No trânsito de fluxos e refluxos intercontinental, com objetivos preferencialmente comerciais e escravocratas, outras ações de trocas simbólicas aconteceram nas navegações atlânticas. Sobre o Tchiloli, drama carolíngio que acontece na ilha vizinha a Príncipe, em São Tomé, Rosa Neves afirma que as (...) investigações recentes sugerem que os movimentos de populações não foram apenas num sentido e que terá havido também intercâmbio de pessoas das Américas para África (NEVES, 1995).

Talvez este intercâmbio ao qual se refere Neves seja representado num ícone dos dois folguedos: a espada. A espada ocupa uma parte significativa no drama, por ser utilizada tanto como componente presente na caracterização da quase totalidade dos personagens, tanto por ser o objeto de destaque num estágio de expressiva espetacularidade da apresentação, que é o momento em que mouros e cristãos partem para o enfrentamento corporal direto. Este objeto cênico tem uma mesma matéria-prima para a sua confecção. Tanto em Príncipe como em Prado são utilizadas molas de carros velhos como metal na base da construção, numa prática artesanal desenvolvida por serralheiros locais,

revelando, além de coincidências, possíveis diálogos de conhecimentos.

É nesta perspectiva, que a metáfora marítima coaduna com o pensamento de Armindo Bião referente à encruzilhada de conhecimentos, de culturas aplicadas em práticas relativas ao patrimônio imaterial na Bahia. O Atlântico reconhecido como espaço simbólico de trocas pode ser visto como

um contexto de encontro entre tantas vertentes de atuação que corresponde ao desafio de seguir-se um caminho, passando-se pela encruzilhada, sem ignorá-la e também sem ignorar as outras opções de caminhos, percorrendo-os todos cada um em seu tempo, mas com tal intensidade, que chegam a parecer eventualmente simultâneos, ainda que de modo imaterial. (BIÃO, 2004: 17).

Compreendendo a encruzilhada como sendo o “cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos, com que se confrontaram”, a pesquisadora Leda Martins faz uma reflexão sobre questões referentes à diáspora, tratando de folguedos como os Reinos Negros e as Congadas de Minas Gerais. Para ela,

O termo *encruzilhada*, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. (MARTINS, 1997: 28)

Na Luta de Mouros e Cristãos a cultura indígena é um traço na composição conceitual, localizando no índio o “infiel” de outrora. No Auto de Floripes alguns rituais também distinguem a encenação. Segundo depoimento de Bião, a partir da sua apreciação do folguedo em Príncipe, a atriz que interpreta a princesa Floripes é submetida, antes da apresentação, a um “banho-de-cheiro”, ou seja, uma imersão em folhas e ervas, prática típica da cultura tradicional afro-religiosa, realizada com intuito de proteger o corpo contra o azar.

Mesmo apresentando, de forma evidente, aspectos da cultura lusitana, os dramas carolíngios que ainda acontecem no Brasil, na cidade de Prado, e na ilha africana de Príncipe, são atravessados por traços da subjetividade cultural ancestral e atual, individual e coletiva infundidos pelo trânsito cultural do (s) lugar(es) onde e com que se expressam.

¹ Trabalho final para a disciplina Etnocologia – PPGAUFBA, Salvador, 2007.

² O conceito de « encruzilhada » aqui empregado tem como referência os autores Bião (2004) e Martins (1997).

³ Prado fica localizada no extremo sul baiano, distante cerca de 810 km da capital. Faz parte da região do Descobrimento, esta assim denominada por ser composta pelos locais onde os portugueses tiveram os primeiros contatos com os nativos, em 1500. A cidade tem, segundo o IBGE, cerca de 14 169 habitantes vivendo em área urbana.

⁴ “A República de São Tomé e Príncipe é composta por duas ilhas principais (São Tomé e Príncipe) e por cerca de 20 ilhotas. “O estado insular localizado no Golfo da Guiné foi desabitado até 1470, quando foi descoberto por navegadores portugueses. O arquipélago foi descolonizado em 1975. (Fonte: www.wikipédia.com. Acesso em 03/ 04/ 2007).

⁵ Carolíngio é uma referência ao livro épico-medieval “A História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França”, narrativa de base oral e escrita que influenciou, no Brasil, nas Américas e na Europa, diversas manifestações populares.

⁶ Hildiberto Coelho Ferreira. Nasceu em Prado, no dia 16 de janeiro de 1925 e morreu em janeiro de 2003. Depoimento concedido em 02/ 02/ 2002.

⁷ Depoimento copiado do livro Floripes Negra, BAPTISTA, 2001: 15.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Augusto. **A Floripes Negra**. Coimbra: Cena Lusófona, 2001.

BIÃO, Armindo. **Uma encruzilhada chamada Bahia: o que está em jogo, qual é o problema e algumas práticas relativas ao patrimônio cultural imaterial na Bahia, Brasil**. In: Revista da Bahia, Salvador, maio de 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Mouros e cristãos: cenas de um folguedo popular da cidade do Prado- Bahia**. Salvador: PPGAC/ UFBA, 2005. (Dissertação de Mestrado)

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

NEVES, Rosa Clara. **Tchiloli de São Tomé: identidade cultural numa nova nação africana. CIOE n° 4 Inverno-Primavera. Portugal, 1995.**

<http://www.esse.ips.pt/cioe/multicultural/artigos.html>. Acesso em março, 2007.

SANTOS, Idelette Muzart- Fonseca dos. **Souvenirs des Chrétiens et des Maures (Portugal, Brésil, Príncipe): le Jeu de Floripes**. Eclats d'Empire: du Brésil à Macao, (Idelette Muzart-Fonseca dos Santos, Ernestine Carreira, orgs.), Paris, Maisonneuve et Larose, 2003.

VAINFAS, Ronaldo (dir). **Dicionário do Brasil Colonial (1500 a 1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.